



# Academia Pernambucana de Medicina Veterinária

INFORMATIVO

# APMV

Ano 5, nº 2, julho a dezembro de 2016

## ACADEMIA COMEMORA MAIS UM ANIVERSÁRIO DURANTE CONCORRIDA SOLENIDADE



A solenidade comemorativa do 15º aniversário de instalação da Academia esteve permeada por dois momentos singulares de grande simbolismo: a praxe acadêmica de registrar para a posteridade os eventos marcantes na trajetória do nosso sodalício e a homenagem prestada a Turma de Médicos Veterinários no Cinquentenário de Formatura pela inolvidável Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco.

Um dos registros que mereceu destaque durante a magnânima cerimônia foi o compartilhamento amistoso e festivo por parte da comunidade acadêmica no ato de entrega dos certificados de Honra ao Mérito aos valorosos colegas da Turma de 1966, os quais foram calorosamente aplaudidos pelas autoridades e pela seleta plateia que compareceu em grande número ao auditório Professor Christovam Colombo de Souza, na sede do CRMV-PE



Os inúmeros acontecimentos que permeiam a vida cotidiana de uma academia servem para enriquecer as narrativas que constarão do patrimônio histórico da instituição acadêmica no futuro. Neste contexto, a APMV tem buscado ampliar os seus horizontes culturais e técnico-científicos com vistas a preservar as ricas tradições da Medicina Veterinária em terras pernambucanas.

Alicerçada nos seus ritos acadêmicos tradicionais, a nossa Confraria mais uma vez realizou uma prestigiosa e concorrida cerimônia para comemorar o seu Aniversário de Instalação, ao mesmo tempo em prestou uma justa homenagem aos integrantes da Cinquentenária Turma de Médicos Veterinários de 1966, diplomados à época pela Escola Superior de Veterinária da Universidade Rural de Pernambuco, que compareceram em um grande número acompanhados de suas famílias e convidados.

Esta edição veicula algumas matérias de grande interesse para a profissão. Numa deferência especial, publica uma rica entrevista com o Decano, Professor e Acadêmico Milton Thiago de Mello, além de artigos com enfoque histórico-cultural, tais como o ciclo do couro e a Casa da Torre e Reprodução Animal no Nordeste, e técnico-científico abordando os Métodos substitutivos ao uso de animais no ensino de Medicina Veterinária.

Coroando o encerramento de suas atividades acadêmicas em 2016, a APMV realizou no último dia 16 de dezembro um almoço de confraternização para celebrar os festejos natalinos, com a presença de acadêmicos e familiares. Na ocasião reinou um clima de companheirismo que serviu para que os presentes renovassem os bons votos de muita paz, saúde e fraternidade durante as festividades do Natal e do Ano Novo.

A nossa Confraria deseja fraternalmente que a classe médico-veterinária pernambucana e brasileira seja abençoada com muitas realizações em 2017.

Academia Pernambucana  
de Medicina Veterinária

Boas Festas

## Expediente

### Diretoria

Hélio Cordeiro Manso Filho  
Presidente  
Paulo José Elias Foerster  
Secretário Geral  
José Alberto Simplício de Alcântara  
Tesoureiro  
Mabel Hanna Vance Harrop  
Diretora de Biblioteca e Arquivo  
Maurício Bandeira Castelo Branco  
Diretor de Patrimônio

### Conselho Fiscal

Titulares  
João Pessoa de Souza  
Roberto Soares de Castro  
Rafael de Souza Guedes Filho  
Suplentes  
João Emílio Cruz  
Maria José de Sena  
Tomoe Noda Saukas

### Comissões Permanentes

#### Resgate Histórico

Pedro Marinho de Carvalho Neto  
Paulo José Elias Foerster  
José de Carvalho Reis

#### Admissão

João Pessoa de Souza  
Mabel Hanna Vance Harrop  
Maurício Bandeira Castelo Branco

#### Cerimonial

João Emílio Cruz  
Alberto Simplício de Alcântara  
Paulo Ricardo Magnata da Fonte

#### Científica

Roberto Soares de Castro  
Áurea Wischral  
Marcelo Weinstein Teixeira

#### Editoração e Difusão Cultural

Tomoe Noda Saukas  
Alberto Neves Costa  
Késia Alcântara Queiroz Pontual

### Conselho Editorial

Alberto Neves Costa - Editor  
Acadêmicos da APMV

### Diagramação

Gleudson Passos de Souza  
Periodicidade: semestral  
Endereço: Rua Conselheiro Theodoro, 460  
Zumbi, Cep 50711-030 Recife - PE -  
Fone: (81) 3797.2517 Fax: (81) 3797.2523

## NOVA FESTIVIDADE ACADÊMICA DA APMV



O 15º aniversário de instalação da APMV foi comemorado no dia 25 de novembro durante uma concorrida e emocionante solenidade realizada no auditório do CRMV-PE. A mesa diretora foi presidida pelo Acadêmico Paulo José Elias Foerster, Secretário Geral e no ato representando a Presidência da Confraria, em razão de viagem do

Acadêmico Hélio Cordeiro Manso Filho. Registraram presença na mesa das autoridades Dra. Erivânia Camelo de Almeida, Presidente do CRMV-PE, Profa. Maria José de Sena, Magnífica Reitora da UFRPE e também Acadêmica Titular da APMV, Dr. Agrício Braz dos Santos Filho, Diretor da SPEMVE, Dra Maria Elisa de Almeida Araújo, Presidente do SIMEVEPE e Dr. Miguel Doherty, Presidente da SMPE.

Da sessão solene constou uma bela homenagem a Turma de Médicos Veterinários de 1966 da antiga Escola Superior de Veterinária da URPE. Seguindo a praxe da Academia, a Acadêmica Késia Alcântara Queiroz Pontual saudou os cinquentenários Colegas, que por sua vez foram representados pelo Dr. Antônio Gomes de Moraes Maranhão para historiar sobre a trajetória profissional da Turma e fazer os agradecimentos pela honraria recebida. Muitas foram as lembranças dos bons momentos vividos no campus de Dois Irmãos.

Concluída a solenidade comemorativa de mais um aniversário de instalação da APMV, e após uma longa sessão de fotos e reminiscências por parte da Turma homenageada, todos os convivas se confraternizaram durante um descontraído coquetel oferecido pela APMV.



## Os Cinquentenários Concluintes da Turma de 1966

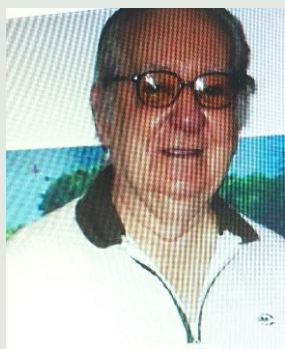


Desta feita a APMV reuniu sua comunidade acadêmica para celebrar o cinquentenário da Turma de Médicos Veterinários de 1966. Foi registrada uma participação expressiva dos remanescentes e dos seus familiares. Após saudação feita pela Acadêmica Késia Alcântara Queiroz Pontual recheada de fatos alusivos ao ano de formatura dos homenageados, a palavra

foi concedida ao representante da Turma, o Dr. Antônio Maranhão, que recordou os bons tempos de estudante de Medicina Veterinária no bucólico bairro de Dois Irmãos; o orador empolgou-se ao descrever em detalhes sua longa trajetória profissional e dos colegas que abraçaram diversas especialidades da profissão. Os integrantes da saudosa turma reverenciaram a presença do ex-Professor Murilo Salgado Carneiro, que é Acadêmico Fundador e Titular da APMV e hoje tido como Decano da Medicina Veterinária pernambucana.

### Professor **GUILHERME ANTÔNIO DA COSTA FILHO**

\* 26.04.1929 + 17.12.2016



Registramos, com consternação, o falecimento do saudoso colega e professor que durante décadas se dedicou integralmente à docência de Patologia Clínica e Semiologia no Departamento de Medicina Veterinária da UFRPE. Durante sua marcante trajetória como docente contribuiu na formação de muitas gerações de médicos veterinários. Por sua dedicação à família, em especial a esposa Marlene, e aos filhos e netos, seu encantamento deixou uma imensa lacuna entre os familiares e amigos que com ele compartilharam momentos inesquecíveis de afeição e apreço. Na convicção plena de que o Professor Guilherme Filho cumpriu com zelo, competência e

destaque o seu mister de mestre na vida universitária, cumpre a nossa Academia manifestar irrestrita solidariedade à família enlutada pela sua partida para a eternidade.

# Professor Milton Thiago de Mello

O nosso entrevistado é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 05 de fevereiro de 1916. Diplomou-se em Medicina Veterinária em 1937 pela tradicional Escola de Veterinária do Exército, também no Rio de Janeiro. Sua formação profissional em terras fluminenses foi enriquecida com a realização do Curso de Aplicação no Instituto Oswaldo Cruz (1944), o doutorado em Microbiologia e a Livre Docência pela Escola Nacional de Veterinária (1946). Ocupou as funções de Professor e Ex-Decano de Pesquisa e Pós-Graduação na Universidade de Brasília (1974 a 1991 e 1997 a 1998). Foi condecorado com a medalha do Mérito de Medicina Veterinária no Grau de Comendador e Grã Cruz (1988) pela Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária (SBMV). Atuou como professor de microbiologia, medicina veterinária, primatologia, animais silvestres e bem-estar animal em universidades brasileiras e estrangeiras. Tem se notabilizado por figurar no quadro de associados de inúmeras entidades científicas e gremiais no Brasil e no exterior. Por sua laboriosa e destacada contribuição à ciência veterinária, o Professor Thiago de Mello foi agraciado com o Prêmio John Gamgee da World Veterinary Association, durante o Congresso Mundial de Veterinária (2013), em Praga, na República Tcheca.

**Informativo APMV** - Que boas lembranças o Senhor guarda dos tempos de aluno na Escola Veterinária do Exército? Quais os professores pioneiros que serviram de referência na sua formação profissional?

Os quatro anos do curso na Escola de Veterinária do Exército (Jan. 1934 a Dez. 1937) foram extremamente proveitosos. Fiz amizades que sobreviveram ao tempo. Tive colegas excepcionais que se tornaram grandes vultos da Veterinária brasileira, de Norte a Sul do país.

Um deles foi Christovam Colombo de Souza que fez o Curso como sargento. Poucos anos depois formou-se em medicina e passou a exercer as duas profissões irmãs com grande dedicação e espírito público em diversos Estados do Brasil. Fui outra vez seu colega quando ambos fomos professores na Escola de Veterinária do Exército, anos mais tarde. Ao passar para a reserva do Exército, já como General, fixou-se em Pernambuco onde mais uma vez demonstrou sua liderança. O auditório do CRMV-PE leva seu nome.

Dos professores também guardo boas lembranças. Quero destacar o grande humanista que foi Manoel Cavalcanti Proença. Foi meu primeiro contato com um cientista. Fez com brilho o curso da Escola de Veterinária do Exército, ainda no tempo das Missões Militares Veterinárias Francesas. Uma vez graduado, fez o "Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz", a única pós-graduação então existente no Brasil. Ganhou a Medalha de Ouro de primeiro lugar da turma e passou a estagiar no Laboratório de Helmintologia do Instituto, sob a direção de Lauro Travassos, então o maior especialista do mundo. Ao mesmo tempo, o Tenente Proença era professor na Escola de Veterinária do Exército junto com o Tenente Olegário da Silva Júnior, também laureado do Instituto Oswaldo Cruz. Ambos eram responsáveis pelo Laboratório de Bacteriologia e Parasitologia da Escola, junto com outros oficiais.

Foi nesse ambiente que o adolescente Milton, teve seu primeiro

contato com a ciência organizada, numa linha direta do Instituto Pasteur de Paris (Missões Francesas) e Instituto Oswaldo Cruz (Curso de Aplicação e Laboratórios). Nos tempos livres estagiava no Laboratório no qual Proença foi o grande mentor. Exatamente dez anos depois (1944) ingressei no Instituto Oswaldo Cruz para fazer o célebre "Curso de Aplicação". Também tirei o primeiro lugar, pesquisei nos Laboratórios de Microbiologia e fui ser professor na Escola de Veterinária do Exército.



**Informativo APMV** - Quais as motivações que lhe conduziram a ingressar na carreira militar? Como foram os tempos de professor no Colégio Militar e na Escola de Veterinária do Exército?

Logo depois da Revolução de 1932, o Exército abriu voluntariado para jovens a partir de 16 anos de idade. Eu já havia feito um ano de CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) em 1932 e concluído o curso secundário no Colégio Pedro II, então o melhor do Brasil. Apresentei-me no quartel do 3º Regimento de Infantaria, em frente à antiga Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, pois minha ideia era cursar Medicina. Isso nunca foi possível pela rotina de instrução no quartel.

Por simples acaso, um colega do quartel disse-me que iria fazer concurso para a Escola de Veterinária do Exército e sair Oficial Veterinário. Ambos fomos aprovados no vestibular. Heliodoro Duboc viria a se tornar o grande especialista em veterinária de cavalos, no Paraná.

**Informativo APMV** - Conte-nos um pouco sobre o seu trabalho extra Academia como conferencista e consultor de organismos brasileiros e internacionais.

Em torno de 1950, houve um período mágico para a ciência brasileira: Fundação da SBPC, CAPES, CNPq, IMPA e outras. Revitalização da Academia Brasileira de Ciências e da Sociedade Brasileira de Biologia. Foram bons ventos no Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados. Dessas atividades participei ativamente, então já bastante conhecido por minhas pesquisas sobre brucelose no Instituto Oswaldo Cruz.

No campo da Veterinária o grande divisor foi a realização da Conferência sobre a aftosa (1950) congregando os mais destacados Veterinários do país. Isso no mesmo ano do 5º Congresso Mundial de Microbiologia, de cuja realização também participei ativamente.

Neste ano, como professor na Universidade de Brasília, tendo sido seu Decano (Pró-Reitor) de Pesquisa e Pós-Graduação, organizei o 1º Congresso Brasileiro de Primatologia e o 1º Curso de Especialização em Primatologia. Essa fase primatológica, durante 25 anos na Universidade de Brasília e na Universidade Federal Fluminense, deu-me oportunidade de participar em congressos e exercer funções

diversas em Sociedades no Brasil e no estrangeiro. Foram surgindo convites e consultorias (FAO, OPAS) e também diversas distinções.

**Informativo APMV** - Quais os momentos que marcaram sua militância nos órgãos de classe, com ênfase na presidência da Academia Brasileira de Medicina Veterinária?

Por meu temperamento, gosto de ter contato com gente, sejam alunos, colegas ou outras pessoas. Por isso, desde o início da minha vida profissional participei de associações as mais diversas que congregavam interessados num assunto. Quando elas não existiam, eu as fundava. Um bom exemplo foi minha participação como Tenente Veterinário encarregado de um Laboratório Veterinário do Exército em Porto Alegre (1938), na fundação da Sociedade Sul-Brasileira de Veterinária (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Poucos anos depois ela foi desdobrada em Sociedade de Veterinária do Rio Grande do Sul (SOVERGS)

A Presidência da Academia Brasileira de Medicina Veterinária foi inicialmente por acaso. Numa solenidade em homenagem ao Presidente Jadyr Vogel ele decidiu renunciar e passar a Presidência para mim como Vice-Presidente. Em consequência, promovi eleições e fui eleito por três anos, de acordo com o Estatuto. Findo esse prazo, ocorreram novas eleições para a Diretoria, que foi empossada em grande solenidade no dia 28/10/2016, na Sociedade Nacional de Agricultura, com a qual Academia tem convênio de cooperação. O atual Presidente é o ilustre colega Sebastião Costa Guedes, ex-Presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte e agora seu Vice-Presidente para Assuntos Internacionais e de Saúde Animal. Ele é também o Presidente do Grupo Interamericano para a Erradicação da Febre Aftosa.

**Informativo APMV** - O que representou para sua longa e dedicada contribuição à ciência veterinária ser agraciado pela Associação Mundial de Veterinária como o Prêmio John Gamgee?

O Prêmio John Gamgee foi uma distinção da Associação Mundial de Veterinária, por indicação da SBMV, em reconhecimento a mais de 80 anos de atividades em diversos campos da Profissão Veterinária no Brasil e no estrangeiro (participação em congressos e conferências em dezenas de países, atuação como pesquisador bolsista na Fundação Gunggenheim e consultor da FAO, OMS, OPAS e Governo Brasileiro nos EUA, Guatemala, Peru, El Salvador, República Dominicana e México. O Prêmio havia sido concedido apenas em três ocasiões (1963, 1975 e 1983) desde sua criação em 1963. Ele foi partilhado com o Dr. Bernard Vallat, Diretor-Geral da OIE (Organização Mundial para Saúde Animal) e Dr. James Steele, da Saúde Pública Norte-Americana, líder mundial em Epidemiologia e Saúde Pública Veterinária. No discurso de agradecimento fiz questão de frisar que dividia o prêmio com os veterinários brasileiros.

**Informativo APMV** - O que significou seu retorno a Pernambuco para participar do Seminário promovido pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/Fiocruz acerca dos avanços científicos sobre a peste bubônica no Brasil, visto que foi um dos pioneiros no combate à doença?

Minhas ligações com Pernambuco são genéticas. Meu pai nasceu em Itambé. Quando jovem, foi telegrafista da "Great Western". Mais tarde foi para Santarém, no Pará, como telegrafista da "Amazon River", onde se casou. Daí para Rio de Janeiro, onde nasci. Depois, Rio

Grande do Sul e logo definitivamente para Rio de Janeiro, onde estudei até completar o curso na Escola de Veterinária do Exército (1937).

Como Oficial Veterinário, cientista do Instituto Oswaldo Cruz e depois do Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil, ambos no Rio de Janeiro, efetuei pesquisas em Pernambuco. Desse modo, em diversas oportunidades, venho ao Estado por motivo de meus interesses em várias épocas: Brucelose caprina (1958), no Agreste, e Peste (1965), no sertão (Exu). Primatologia nos últimos anos. Em todas essas viagens recebi apoio e carinho dos pernambucanos. Quero destacar, entre os Veterinários mais antigos, Murilo Salgado Carneiro, Silvio Camerino Paes Barreto, Luiz de Melo Amorim e José Afonso da Silva. Quanto aos recentes, Gilvan Maciel, Paulo Foester, Alberto Costa e Erivânia Almeida.

A viagem deste ano resultou de convite do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, da FIOCRUZ, pelo fato de ter participado das pesquisas iniciais sobre peste em Exu, a partir de 1965. No dia 25 de novembro, passado, no CPAM/FIOCRUZ participei das comemorações de 50 anos do início dessas pesquisas em Exu, homenageando a cientista que deu seus primeiros passos no assunto, há meio século, a Dra. Alzira Almeida. Hoje ela é uma das maiores especialistas mundiais em peste.

Durante meio século afastei-me do assunto peste, como se fora criopreservado e agora descongelado. A peste é uma doença negligenciada, como se diz no modismo científico atual. O título de minha intervenção no seminário comemorativo foi: "Peste: uma zoonose fora de moda e silenciosa". Durante o período em que estive "congelado", houve tremendos avanços sobre o tema, principalmente em Pernambuco, liderados pela Dra. Alzira Almeida. Um deles refere-se à peste como doença ocupacional de Veterinários. Foi verificado que os cães e gatos podem ter peste inaparente em áreas anteriormente pestosas e agora silenciosas. Quando os Veterinários ou mesmo os proprietários desses animais lidam com eles, podem contaminar-se, contrair a doença e até morrer.

**Informativo APMV** - Com larga experiência como Médico Veterinário, professor e pesquisador renomado quais suas expectativas sobre a chegada da profissão veterinária no limiar do futuro?

A Profissão Veterinária está, como a humanidade em geral, no limiar do futuro. Precisamente sobre isso escrevi um livro distribuído durante o 37º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (2010), juntamente com o Congresso Internacional Comemorativo de 150 anos do Ministério da Agricultura, 100 anos de Ensino Veterinário e 90 anos da SBMV, com a presença de grandes personalidades da Veterinária Mundial e Brasileira.

No dia 7 de dezembro fiz conferência na sede das Nações Unidas para a Associação de Antigos Funcionários Internacionais no Brasil (AAFIB), sobre um aspecto importante do futuro da profissão veterinária: **alimentos**.

Finalmente, quero ressaltar que o Brasil com mais de 200.000 veterinários, a maioria jovens e desde os bancos escolares orientados preferencialmente para a sanidade dos animais de companhia, tem todas as condições para aumentar sua produção de alimentos para um mundo faminto. Para isso, com as novas metodologias de ensino, poderá em curto prazo aumentar a participação dos veterinários para o bem-estar da humanidade.

## O Ciclo do Couro e a Casa da Torre

JOÃO PESSOA DE SOUZA, Médico Veterinário e Acadêmico Titular da APMV

O chamado Ciclo do Couro, onde a pecuária bovina era o fator principal, iniciou-se como coadjutor do Ciclo da Cana de Açúcar. Fornecendo animais para o consumo, também auxiliou a atividade canavieira tanto no campo, puxando implementos agrícolas, quanto no engenho, tracionando as almanjarras, os banguês e os carros. A legislação real proibia a criação até a distância de 10 léguas a partir “da pancada do mar”, para o interior.

Com a restauração das capitânicas que estavam sob domínio holandês, passou a Coroa Portuguesa a agraciar os que mais se distinguiram na guerra de libertação com doações de sesmarias, independente de decisões dos donatários. Alegava a Coroa que os donatários em nada contribuíram para a volta do mando português e que a guerra foi custeada pelo trono. Neste panorama, o Governo Geral passou a emitir os títulos de sesmarias àqueles mais próximos e, dentre outros, os Garcia D'Ávila que ao longo dos anos foram senhores de grande parte da região que se conhece como o Semi-Árido.

Impuseram os novos sesmeiros seu sistema de exploração criando, com pequenas variações, os mesmos usos e costumes em toda área. Assim, o gibão, as perneiras, luvas, chapéus etc., se repetem do Piauí à Bahia. Não só na indumentária, mas na comida carne seca, farinha, raspadura, queijos -, bem como na religiosidade onde se sobressaem o messianismo, as rezas fortes, os benzedores etc.

Também a fama de valentões se faz sentir em toda parte, mudando apenas de nome cangaceiro ao norte e jagunço ao sul, mas com os mesmos sentimentos - de vingança, desforra ou proezas como matar onças, pegar boi brabo ou domar cavalo chucro.

O apogeu do Ciclo do Couro

coincidiu com o início do Ciclo do Ouro. Por força de edito real, todo braço, escravo ou não, deveria se voltar exclusivamente para a extração do ouro, descoberto nas chamadas minas, então na Capitania de São Paulo. Com a necessidade de manutenção de alentado número de catadores, o fluxo das boiadas foi na maior parte desviado para as minas. Vindas das diversas capitânicas nordestinas, eram reunidas em pontos do rio São Francisco, daí rio acima até a foz do rio das Velhas, terminando na Vila de Sabarabuçu, atual cidade de Sabará. Era o chamado Caminho da Bahia, o descaminho, como dizia Borba Gato, pelo fato de imperar o contrabando de ouro, escravos, gado e mantimentos sem pagar impostos.

Nas minas os preços dos alimentos, vestimentas etc., eram traduzidos em ouro, sendo que em 1703 tinham alguns itens os seguintes valores:

Um boi, cem oitavas  
 Sessenta espigas de milho, trinta oitavas  
 Uma libra de manteiga, duas oitavas  
 Seis libras de carne de vaca, uma oitava  
 Uma galinha, quatro oitavas  
 Um queijo da terra, quatro oitavas  
 Um barrilote de aguardente, cem oitavas  
 Uma casaca de pano fino, vinte oitavas  
 Um calção de seda, doze oitavas  
 Um par de meias de seda, oito oitavas  
 Um par de sapatos de cordovão, cinco oitavas  
 Um chapéu fino de castor, doze oitavas  
 Uma espingarda sem prata, dezesseis oitavas  
 Uma pistola ordinária, dez oitavas  
 Uma tesoura, duas oitavas  
 Um escravo, duzentos e cinquenta oitavas  
 Um cavalo sendeiro (de carga), cem

oitavas

**Vale lembrar que uma oitava, medida da época, equivale a 3.58g.**

O declínio do Ciclo do Couro e, em consequência, da Casa da Torre, foi motivado pelo declínio do Ciclo do Ouro. Efetivamente, após esgotarem-se os veios auríferos superficiais, as catas passaram a exigir aparelhos e não mais a simples mão de obra no manejo da batéia e da peneira. Faltando o ouro, faltou o poder de compra do principal consumidor do gado. Em consequência, houve a necessidade de procurar outros centros de consumo que não as minas. Estes centros tinham pouco poder de absorção, obrigando os fazendeiros a represar o gado.

Outro fator importante foi a abertura da estrada de Sorocaba-SP para São Pedro-RS, com a vantagem de ser o centro produtor mais perto das minas. Por esse caminho vinham também animais do Uruguai e da Argentina, aumentando a oferta.

Para a Casa da Torre a perda econômica foi um grande golpe, porém o maior golpe foi político. O rei D. Pedro II de Portugal, em 1698, percebendo que o motivo de não se povoarem os sertões fora o fato de estarem as terras doadas a duas ou três pessoas, intimou os sesmeiros a povoá-las e demarcá-las, concedendo nova sesmaria sobre aquelas consideradas devolutas. Cada pessoa só poderia deter sesmaria de uma légua de testada por três léguas de fundo. Tal ordem real possibilitou aos rendeiros o não pagamento do foro, estancando o principal fluxo de recursos da Casa da Torre. Evidente que naquele tempo, com pouca comunicação, as questões se arrastaram por um bom período, possibilitando a sobrevivência do latifúndio até as últimas décadas do século XVIII. Do antigo solar restam as ruínas na hoje chamada Praia do Forte-BA.

## A Reprodução Animal no Nordeste

Rômulo José Vieira, Méd. Vet., Acadêmico das Academias de Ciências e de Medicina Veterinária do Piauí e Acadêmico Correspondente das Academias de Medicina Veterinária do Ceará e de Pernambuco

A reprodução animal no Nordeste originou-se com a própria história da Medicina Veterinária em Pernambuco, desde a fundação das escolas dos Beneditinos em Olinda. O pioneiro dessa história foi o Médico Veterinário e Professor José Wanderley Braga, responsável pelo nascimento do primeiro animal por inseminação artificial (IA) em Pernambuco, uma bezerra, no ano de 1941. Acrescente-se que ele foi também o protagonista da primeira colheita e processamento de sêmen bovino no Recife.

No desenvolvimento da reprodução animal as universidades ocuparam um papel de destaque graças a celebração do convênio entre a Escola Superior de Veterinária de Hannover, na Alemanha, iniciado em 1975, e as Universidades Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Federal de Minas Gerais (UFMG) e Federal da Bahia (UFBA). Em Pernambuco, registramos que o Prof. Silvio Camerino Paes Barreto, então coordenador do Curso de Medicina Veterinária da UFRPE e ex-bolsista de Hannover, foi o executor do convênio entre as duas instituições.

A Alemanha colaborou significativamente no incremento da reprodução animal no Nordeste, formando inúmeros especialistas que promoveram esta área em especial nos estados da Bahia, de Pernambuco e da Paraíba. Outros países como França, Inglaterra, Canadá e Bélgica, contribuíram com a especialidade em outros estados como Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas, dentre outros.

Nacionalmente, a Universidade que mais contribuiu para a formação de professores e pesquisadores no Nordeste foi a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), seguida pelas universidades de São Paulo (USP e UNESP) e do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Nos anos de 1974 e 1975 foram instalados vários centros de tecnologia de sêmen no Nordeste: SOTAVE em Pernambuco; Touro Ampola e Cabana da Ponte na Bahia e Senhor na Paraíba, para capacitar profissionais, distribuir nitrogênio líquido e preservar material genético superior.

A criação do Colégio Brasileiro de Reprodução Animal (CBRA) e da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (ASBIA), em 1974, foi relevante para os médicos veterinários que atuavam na área. Um marco importante na história do CBRA foi a edição da Revista Brasileira de Reprodução, em 1977, como órgão oficial de divulgação. Outro avanço foi a criação em 1985 da Sociedade Brasileira

de Transferência de Embriões (SBTE) com vistas a congregar os profissionais que trabalham com esta biotecnologia.

No Nordeste foi fundamental a criação do CONERA (Congresso Norte/Nordeste de Reprodução Animal), proposto pelos médicos veterinários Rômulo José Vieira e Maria Madalena Pessoa Guerra, com o apoio dos colegas Carlos Henrique Peña Alfaro, Alberto Lopes Gusmão, José Carlos de Andrade Moura, dentre outros, durante o XIV Congresso Brasileiro de Reprodução Animal, em agosto de 2001, em Belo Horizonte/MG. O surgimento do CONERA foi de suma importância para promover um maior intercâmbio técnico-científico entre os pesquisadores do Norte/Nordeste e favorecer parcerias que contribuem com o desenvolvimento regional.

As edições do CONERA seguiram a seguinte cronologia: **Recife** (2002) Presidente: Profa. Maria Madalena Pessoa Guerra (UFRPE); **Teresina** (2005) Presidente: Prof. Rômulo José Vieira (UFPI); **Belém** (2006) Presidente: Prof. Haroldo Francisco Ribeiro Lobato (UFPA); **Imperatriz** (2008) Presidente Prof. Abissai de Oliveira Souza (UEMA); **Patos** (2010) Presidente: Prof. Carlos Enrique Peña Alfaro (UFCG); **Fortaleza** (2012) Presidente: Prof. José Ferreira Nunes (UECE); **Mossoró** (2014) Presidente: Prof. Alexandre Rodrigues Silva (UFERSA) e **Teresina** (2016) Presidente: Prof. José Adalmir Torres de Souza (UFPI). Deve ser registrada a relevante contribuição das universidades do Norte e Nordeste para o êxito destes eventos.

Um grande simbolismo no âmbito das biotecnologias reprodutivas foi a instalação, em 2004, com grande êxito, da Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO) objetivando formar recursos humanos para atender as demandas acadêmicas e empresariais da Região, bem como promover o desenvolvimento tecnológico em nível regional e nacional. Sem sombra de dúvidas, a RENORBIO revolucionou a formação de recursos humanos e a produção científica e de patentes no Nordeste.

Pelo que se pode observar as instituições de ensino superior, aliadas as empresas de tecnologia de sêmen, foram fundamentais no desenvolvimento da reprodução animal no Nordeste. A criação de entidades e a realização de eventos que sigam promovendo esta importante área do conhecimento técnico-científico contribuirão efetivamente para ampliar a inserção do Nordeste no cenário nacional.



# Métodos Substitutivos ao Uso de Animais Vivos no Ensino da Medicina Veterinária

MARCELO WEINSTEIN TEIXEIRA, Médico Veterinário, Acadêmico Titular da APMV e Professor Adjunto do DMFA/UFPE  
CAROLINE DA SILVA LEITE, aluna de Medicina Veterinária e Monitora do DMFA/UFPE

O início do reconhecimento dos animais não humanos como seres sencientes remete a 582 a.c., quando o filósofo Pitágoras já demonstrava esta preocupação postulando que a amabilidade para com todas as criaturas era um dever. Apesar disso, no século XVII, ainda era acreditado que os animais não podiam sentir dor, principalmente nas postulações do filósofo René Descartes, o qual dizia que as reações dos animais em situações de dor eram meros reflexos inconscientes. Em 1959, os pesquisadores William Russell e Rex Burch publicaram o livro intitulado *"The principles of humane experimental technique"* no qual afirmaram que a boa experimentação animal deveria seguir o princípio dos 3 R's (*redução, refinamento e substituição, em Português*). No princípio da redução pregava-se a utilização do menor número de animais; no refinamento, mudança das técnicas em prol do bem-estar animal, fazendo-se uso de medicamentos analgésicos, anestésicos e boas práticas de eutanásia; e no princípio da substituição, a busca de métodos que possibilitassem a substituição completa dos animais. O respeito aos 3R's não se limita à experimentação animal e devem ser adotado em todas as situações em que haja o uso científico de animais, incluindo todos os níveis do ensino.

No ensino superior, tem sido histórico e rotineiro o uso de vivisseção de animais para o estudo de tecidos e sistemas (e.g. sistemas nervoso, cardiopulmonar, digestivo), estudo de anatomia interna, estudos psicológicos, farmacológicos e habilidades cirúrgicas, nos cursos de medicina humana e veterinária. Embora existam inúmeros métodos substitutivos que possibilitam, com eficácia, o aprendizado dos estudantes, estas práticas são, ainda, utilizadas com frequência variada. No Brasil existem mais relatos do uso de animais vivos nos cursos voltados à área de saúde do que nas demais áreas afins, o que demonstra uma menor sensibilidade ao tema pelos agentes envolvidos. Um dos argumentos utilizados por professores para o uso de animais vivos no ensino é a fácil memorização do conteúdo; porém, a formação de memórias explícitas parece ser, na verdade, devida a estímulos emocionais causados por cenas desagradáveis e chocantes. Atualmente, as metodologias didático-práticas com a utilização de animais vivos no ensino têm sido muito discutidas, e esse fato se deve à atual percepção dos conflitos gerados nos alunos, podendo estes comprometer o aprendizado.

A atual reflexão e discussão sobre a ética no uso e bem-estar animal, juntamente com a atuação de entidades de proteção animal, são respaldadas por normativas como a Lei Federal nº. 9.605, de 12/02/98, a qual no seu capítulo V, artigo 32, denomina como crime ambiental o "ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos", e equipara, na mesma pena, "quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos". A atuação do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), também tem influenciado positivamente a forma de pensar e agir das instituições que utilizam animais com fins científicos. Os esforços têm, aos poucos, despertado a comunidade científica para o interesse em conhecer os métodos substitutivos ao uso de animais, que vão desde a utilização de cadáveres provenientes dos hospitais veterinários e centros de controle de zoonose a modernos softwares, que simulam as mais diversas funções dos organismos.

Numa revisão realizada pelo DMFA/UFPE observou-se que nos cursos de Medicina Veterinária brasileiros, diversos métodos substitutivos já são utilizados, principalmente os voltados para as disciplinas de Técnica Cirúrgica, Clínica Cirúrgica, Anestesiologia Veterinária e Clínica médica de pequenos animais, como exemplificado na Tabela 1. No ensino da clínica médica se estuda a utilização de métodos como manequins e protótipos comerciais, os quais já são amplamente utilizados em outros países e possibilitam um aprendizado prático efetivo. Em cirurgia, o uso de peças provenientes de abatedouros para treinamento de diérese, síntese, hemostasia e criocirurgias, também têm sido amplamente adotadas, além das práticas de sutura em tecidos sintéticos e preparações anatômicas (figura 1). Materiais de baixíssimo custo, fabricados com blocos de espuma, tubos de látex, entre outros, têm sido propostos como modelo para treinamento de hemostasia e cirurgias diversas (e.g. *ovário-salpingo-histerectomia*). Cadáveres preservados quimicamente, com técnicas que promovem similaridade com o tecido vivo, têm servido tanto à cirurgia, quanto à anatomia, pois mantém as características

morfológicas dos tecidos vivos.

**Tabela 1.** Resultados de uma revisão em artigos científicos realizada pelo DMFA-UFPE, com o quantitativo de métodos substitutivos em diversas disciplinas da medicina veterinária, considerando as alternativas e viabilidade

Tipos de disciplinas	Quantitativo	Exemplos de métodos substitutivos	*Viabilidade
Utilizam animais de companhia	21	Peças anatômicas de abatedouro; Modelos sintéticos; Cadáveres preservados; Softwares; Hipervídeos; Bastidores.	Viáveis
Voltadas ao ciclo básico	7	Cadáveres preservados; Atividades dinâmicas; Softwares.	Viáveis
Utilizam animais de produção	2	Modelos sintéticos; Softwares.	Viáveis

\* Para avaliação geral da viabilidade foram consideradas a ideia de custo dos materiais envolvidos e efetividade no aprendizado.



**Figura 1.** Práticas de hemostasia e sutura da disciplina de Técnica Cirúrgica, sendo realizadas em materiais sintéticos e peças anatômicas provenientes de abatedouro, com estudantes do sexto período de Medicina Veterinária

As habilidades práticas adquiridas com animais vivos podem ser desenvolvidas produtivamente, com a participação dos alunos em programas de esterilização cirúrgica para controle populacional, acompanhamento de profissionais veterinários e participação em projetos de extensão universitária. Na formação do cirurgião, por exemplo, vivência em situações reais é essencial para o condicionamento emocional, diante de ocorrências que requerem posicionamento rápido e eficaz, além de manobras adequadas, capacidade de decisão e amadurecimento da confiança.

As tecnologias como hipervídeos, que possibilitam interação dos alunos com o conteúdo ensinado através de imagens dinâmicas e softwares, que permitem estudo de estruturas anatômicas e simulação das mais diversas respostas fisiológicas, farmacológicas e patológicas, são alternativas muito promissoras. O recurso da vivisseção, nas disciplinas do ciclo básico, pode ser substituído pela promoção de atividades didáticas que estimulem os discentes a criarem seus próprios modelos de estudo, utilizando materiais como isopor, massa de modelar, materiais elétricos, entre outros. Essas atividades, permitem estimulação da criatividade, fixação dos conteúdos teóricos, evitam os conflitos e contribuem na formação de profissionais éticos, que se importam com o bem-estar animal.

A atenção dispensada às disciplinas com animais de produção não têm sido consideradas da mesma forma que aquelas que utilizam os animais de companhia, o que demonstra uma menor sensibilidade, inclusive dos alunos, quando se trata de animais de produção. Neste particular, pouco estudos têm sido realizados no sentido de discutir amplamente o tema e minimizar a utilização indiscriminada destes animais em aulas práticas que envolvam dor e sofrimento.

## Considerações finais

A ampla discussão já existente acerca dos métodos substitutivos e a comprovação dos seus benefícios, como motivação dos discentes, melhoria do aprendizado e conscientização ética dos futuros profissionais, justificam fortemente o incentivo a sua utilização. A criação e fiscalização de normas que garantam a substituição do uso de animais vivos no ensino da Medicina Veterinária e demais áreas afins, são necessárias para a obrigatoriedade das mudanças necessárias. Por fim, fica evidente que a visão de substituir o uso de animais deve ser ampliada à todas as espécies envolvidas neste processo, não se limitando apenas aos animais de companhia.

## Anais da Academia Cearense de Veterinária 2016

Registramos, com grande entusiasmo, o lançamento dos Anais da Academia Cearense de Veterinária (ACEVET), cujos nobres objetivos tem sido promover o desenvolvimento cultural e científico da Medicina Veterinária, manter o intercâmbio cultural e científico com entidades afins, bem como preservar sua memória e representar os legítimos interesses da profissão em ações conjuntas com as entidades congêneres da Medicina Veterinária no Ceará. A publicação reúne uma coletânea de fatos históricos relacionados ao seu corpo acadêmico e as suas muitas realizações (eventos, lançamentos de livros, discursos, homenagens e concessões de títulos acadêmicos). Some-se a isto, a rica iconografia que complementa a obra e que busca resgatar grandes momentos históricos vividos pela ACEVET.



### Educação: Caminho da formação cidadã



Nesta publicação o Médico Veterinário paraibano Hamilton Farias de Lima, diplomado pela Universidade Rural de Pernambuco na Turma de 1967, e cuja carreira profissional e docente tem sido laboriosamente cumprida na Bahia, lançou uma coletânea de crônicas que refletem bem a sua vivência cotidiana como educador e gestor universitário na Universidade do Estado da Bahia e sempre preocupado com as questões da cidadania.

Um registro marcante nas crônicas de Hamilton Lima é o clamor contra a corrupção na vida pública, que segundo ele representa um entrave muito sério para os avanços na educação brasileira. Embora apresente um tom irônico em algumas delas, o autor enfeixa suas argumentações de forma esperançosa na crônica Sementes do amanhã, na qual ensina que “a boa educação está sempre relacionada às sementes de conteúdos consistentes e será resultante daquelas cultivadas segundo a expertise indicadora do semeador/educador num plano pedagogicamente construído a serviço da formação do homem e, por extensão, da sociedade para o seu pleno e integrado desenvolvimento”. Sem dúvida, este livro representa um alento para todos aqueles que sonham com uma revolução nos caminhos da formação cidadã.